



A LITERATURA INDÍGENA COMO UMA DAS POSSIBILIDADES DE OUVIR O SILENCIADO

Tathiana Santos Soares[1]

Marizete Lucini[2]

Eixo Temático 2: **Educação, Intervenções Sociais e Políticas Afirmativas**

RESUMO:

Este trabalho é resultante de parte de nossa pesquisa monográfica sobre a questão do conceito de tempo presente na obra de Daniel Munduruku. Nesse texto nos propomos a discutir alguns aspectos sobre a literatura indígena no Brasil. A referida discussão pauta-se no desejo de ampliar o conhecimento sobre a temática no curso de pedagogia que ainda é pouco discutida. Acreditamos que a ausência da abordagem dessa temática em curso de formação de professores pode dificultar o desenvolvimento de estudos e práticas sobre a História e Cultura indígena nos diferentes níveis da Educação Básica. O conhecimento sobre literatura indígena pode possibilitar a utilização dessa literatura no ensino, principalmente para a desconstrução de estereótipos que ainda existem no espaço escolar, bem como em toda a sociedade.

Palavras-Chave: Literatura indígena, Formação de Professores, Pedagogia.

ABSTRACT:

This work is the result of part of our monographic research on the issue of this concept in the work of Daniel Mundurukú time. In this text we propose to discuss some aspects about Indian literature in Brazil. This discussion is guided in the desire to expand knowledge on the subject in the course of pedagogy that is little discussed. We believe that the absence of this thematic approach ongoing teacher training can hinder the development of studies and practices on indigenous history and culture at all levels of Basic Education. Knowledge of indigenous literature can enable the use of this literature in education, especially for the deconstruction of stereotypes that still exist within the school and throughout society.

Keywords: Indigenous Literature, Teacher Education, Pedagogy.

Este texto apresenta algumas reflexões sobre a temática da literatura indígena. Nosso interesse emerge mediante as visões estereotipadas dos indígenas que comumente foi e ainda é veiculada no ensino escolar e em outros artefatos da cultura como a literatura, a pintura, filmografia, etc. Nesse texto, estamos compreendendo a literatura indígena como um dos instrumentos possíveis para evidenciar a imagem do índio que corresponda a complexidade cultural que essa temática envolve. Na atualidade, observa-se a presença de

uma literatura que é produzida pelo próprio indígena o que possibilita que se reflita sobre as contribuições dessa literatura para o conhecimento da cultura dos povos indígenas.

Para Palastrini e Leite (2013, p.48):

[...] “poderíamos dizer que a gênese da literatura indígena de cunho do próprio índio, nasceu para-lamente à criação da escola indígena, pois com incentivos do Estado foram fomentados projetos para produção de materiais paradidáticos. Muitos livros sobre as culturas e povos indígenas foram publicados com intuito de fortalecer a educação indígena. Sendo que na época essas histórias eram elaboradas de acordo com a percepção política e consciência histórica de cada povo”.

A criação de escolas indígenas ocorre a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 9394/96 que no seu art. 78 trata da oferta de educação escolar bilíngue aos povos indígenas, inciso I que tem o objetivo de proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências. No art. 79, parágrafo 2º indica-se para a necessidade de criação de programas com vistas a elaboração e publicação sistemática de material didático específico e diferenciado.

Essa prerrogativa aberta pela LDB 9394/96, respaldou a elaboração de políticas efetivas para a produção de material didático e paradidático que contempla a cultura e a história indígena. Entre outros materiais, a publicação de histórias escritas por autores indígenas, constituiu-se em uma das formas possíveis de transmissão dos saberes e socialização de sua cultura. O registro dos saberes vinculado na narrativa oral também é um elemento que nos permite pensar que o silenciamento imposto a essa cultura encontra formas de dar-se a conhecer. Assim, as crenças, as experiências, os saberes e conhecimentos que por séculos eram apenas transmitidos pela oralidade, encontram na escrita a possibilidade de serem divulgados entre os índios e os não índios.

Daniel Munduruku[3] no seu artigo “*Literatura Indígena e o ténue fio entre escrita e oralidade*” afirma que a escrita é uma técnica, e que é preciso dominar com perfeição para poder utilizá-la a favor do povo indígena. O papel da literatura indígena é, portanto da boa notícia do (re) encontro. É a forma contemporânea da cultura ancestral se mostrar viva e fundamental para os dias atuais.

Pensar em Literatura Indígena é pensar no movimento que a memória realiza para apreender as possibilidades de mover-se num tempo que a nega e que nega os povos que a afirmam. Como é afirmado por Daniel Munduruku a escrita é um instrumento contemporâneo e moderno para os índios, pois essa escrita trazida pelos “brancos”, que por muitos anos significou resistência e sofrimentos aos índios, hoje, se torna aliada na divulgação da cultura indígena.

Segundo Martha (2012, p. 330) no artigo “*Autoria Indígena na Produção Infantojuvenil Contemporânea*”, no período da colonização a história é de “*autoria branca que assume a voz do índio para contar sua história.*” Na mesma perspectiva, a escritora indígena potiguar Graça Graúna (2012, p. 268), afirma que: “*Ao longo da história da colonização, os povos indígenas vivenciaram a impossibilidade de escrever e expor o seu jeito de ser e de viver em sua própria língua.*” Isso nos remete a pensar também sobre o silenciamento da história da cultura indígena na educação escolar brasileira, em que se privilegia a história eurocêntrica em detrimento do conhecimento da história indígena brasileira. Acreditamos que através da literatura infantil indígena é possível socializar os conhecimentos e saberes da cultura de tradição oral através da escrita.

Daniel Munduruku (2012, s/p) no texto “*A escrita e a autoria fortalecendo a identidade*” afirma:

De qualquer forma, entendo que há uma preocupação prática nos diversos programas de educação indígena espalhados pelo Brasil afora, sejam eles operados pelas esferas governamentais ou não governamentais. Muitos desses programas têm partido do princípio que é preciso fortalecer a autoria como uma forma de fortalecer

também a identidade étnica dos povos que atendem. Isso é muito positivo se a gente entender que a autoria, aqui defendida, signifique que estes povos possam num futuro próximo, criar sua própria pedagogia, seu modo único de trafegar pelo universo das letras e do letramento. Só assim posso imaginar que valha a pena o esforço dos que se põem a trilhar este caminho. Se estes grupos de fato acreditarem que estão criando pessoas para a autonomia intelectual e se abrirem espaço na sociedade para a livre expressão deste pensamento, então eles estarão, realmente, fortalecendo a autoria e apresentando um caminho novo para as manifestações culturais, artísticas, políticas, lúdicas e religiosas dos nossos povos indígenas.

Para Daniel Munduruku ele reconheci que diante da legislação já tem uma visão nos programas relacionada as questões indígenas, no fortalecimento da autoria indígena e da identidade, tendo agora o seu espaço na sociedade, procurando assim a criação de uma nova pedagogia para a expressão de uma cultura étnica desses povos.

Para Almeida e Queiroz (2004, p.211),

Fazer literatura indígena é uma forma de compartilhar com os parentes e com os não indígenas a nossa história de resistência. A escrita sempre esteve presente no contato entre índios e brancos. Trata-se agora de um processo de recuperação, ou melhor, apropriação de seus meios (ALMEIDA E QUEIROZ, 2004, p. 211).

Na monografia de Anne Sandy Czoupinski de Almeida, intitulada "*Histórias de Índio, de Daniel Munduruku, e Will's Garden, de Lee Maracle: Afirmando a Identidade Indígena pela Literatura*" a autora afirma que:

Para sabermos quem somos olhamos para nosso passado, nosso presente, e até mesmo para nossos planos de futuro. A literatura lança para o mundo um novo olhar, um novo posicionamento, uma nova história que faz parte da intrincada teia de pensamentos que nos faz humanos. Contamos histórias que afirmam tradições e culturas, que ensinam sobre o passado e preparam para o futuro, primeiro oralmente, até que a escrita viesse tornar possível a fixação destas histórias em papel. Diversos povos tiveram sua chance de contar suas histórias, cada um a seu tempo. Primeiramente, apenas os povos "brancos", europeus, tinham a vantagem da escrita e eternizaram seu ponto de vista em livros. Nossas histórias foram contadas, criadas e recriadas, mostrando a criatividade, as tradições, movimentos, inovações. A arte literária serviu para afirmar opiniões, informar, criar novos caminhos sociais, mas, como acontece em praticamente toda ex-colônia, deixou de fora a versão dos primeiros povos. Nossos índios foram retratados de maneira estereotipada e inferior, justificando sua exploração e tentativas de aniquilação, mas com o crescente interesse pela defesa da ecologia, ou até o gosto pelo exótico, há uma retomada pelos assuntos indígenas, alcançando um tempo em que a voz destes povos consegue espaço para disponibilizar sua cultura para a população em geral (ALMEIDA, 2008, p. 9, 10).

A literatura no Brasil representa os indígenas em suas obras desde os clássicos, *O Guarani (1857)*, *Iracema (1865)* e *Ubirajara (1874)*, de José de Alencar. Contudo, foram representados como uma imagem estereotipada e irreal, levando em conta também os textos jesuítas de Padre José de Anchieta. Nesse sentido a literatura indígena pode desconstruir a imagem que a história oficializada construiu do índio, ou a imagem que a história até hoje não mostrou. De acordo com Bhabha (2005, p. 117) "o estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa de representação". Essa forma fixa de representação está muito presente ainda, pois durante muitos tempo predominou no ensino de história e na literatura brasileira.

Nesse sentido, Bonin (2008, p. 122) afirma que:

Narrados através de estereótipos, os povos indígenas adquirem, na maioria das produções escolares, feições genéricas, fixas, homogêneas, sendo esse um efeito de relações de poder. Nesse sentido, é importante indagar sobre as representações que circulam mais amplamente e que constituem nossas maneiras de entender as culturas indígenas.

A literatura indígena emerge no contexto brasileiro em meados da década de 1980 com algumas obras de autoria indígena, que constituíam um espaço voltado para sua própria identidade, em que a cultura, os costumes e as crenças eram abordados na perspectiva indígena, transmitindo histórias que antes eram narradas oralmente pelo e para o seu povo. O domínio da escrita pelos povos de tradição oral possibilitou a socialização dessas narrativas aos indígenas e também aos não índios.

Entre esses novos autores encontramos, Olivio Jekupe, Eliane Potiguara, Daniel Munduruku, Luiz Karai, Graça Graúna entre outros. Guesse (2011, p. 2), no artigo "*Da oralidade à escrita: os mitos e a literatura indígena no Brasil*" afirma que: "Os próprios indígenas têm assumido a voz narrativa, tornando-se sujeitos, autores/criadores de seu legado cultural escrito que, por sua vez, é a expressão de seu legado mítico e mágico".

Ainda para Guesse (2011, p.1) A literatura escrita indígena tem se configurado como um processo concreto no Brasil. A Constituição Federal de 1988 garantiu aos índios o direito a uma educação diferenciada e, a partir deste fato, um considerável número de professores indígenas tem se dedicado à escrita de diversos materiais, que são utilizados nas escolas indígenas, mas que também estão sendo lidos nas aldeias e fora delas sob uma perspectiva literária.

Na Constituição Federal de 1988, Art. 231 afirma-se que: "São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários... partindo do direito de ser ele mesmo". Acreditamos que a literatura é uma das vias possíveis para o atendimento do exposto nesse artigo, pois a literatura possibilita que a organização social, os costumes, a língua, as crenças, as tradições e os direitos originários sejam expressos e socializados entre índios e não índios. Portanto, esta literatura é uma nova aliada na luta dos povos indígenas na preservação e difusão de sua cultura.

Graça Graúna (2003, p.50), afirma que:

Apesar da falta do seu reconhecimento na sociedade letrada, as vozes indígenas não se calam. O seu lugar está reservado na história de um outro mundo possível. Visando à construção desse mundo, os textos literários de autoria indígena tratam de uma série de problemas e perspectivas que tocam na questão identitária e que devem ser esclarecidos e confrontados com os textos não-indígenas, pois trata-se de uma questão muito delicada e muito debatida hoje entre os escritores indígenas.

Entre lutas e conquistas, a resistência à escrita esteve e está presente. Primeiramente por se tratar de uma sociedade tradicional, em que a oralidade garantia a transmissão cultural. Outro elemento que contribuiu para a resistência situa-se no sofrimento causado pela imposição de uma prática cultural escrita que não era de sua cultura. Contudo, hoje a escrita passa a ser uma aliada na construção desse novo cenário literário e nas lutas em diversas áreas. Desta forma Graça Graúna afirma que o lugar dessas produções literárias de autoria indígena é um "lugar utópico (de sobrevivência), uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas) ao longo dos 500 anos de colonização" (GRAÚNA, 2003, p.12).

A caminhada ainda é longa quando o assunto é literatura indígena no Brasil, o espaço literário está começando a expandir esse tipo de literatura, por se trata ainda de pouco tempo de sua divulgação que emerge em meados da década de 80. Para Silveira e Bonin (2012, p. 324):

O mercado editorial brasileiro, no que se refere à literatura para crianças e jovens, tem publicado cada vez mais obras que refletem aspectos da cultura nacional, buscando, em fontes histórico-culturais diversas, motivos e temas para a renovação de sua produção.

Parece-nos que há um longo caminho ainda a ser conquistado, embora se observe um interesse crescente do mercado editorial, principalmente diante das políticas públicas que tem estimulado a emergência de uma literatura que protagonizada pelos próprios indígenas. Para Guesse (2011, p.10-19):

Configura-se um processo bem complexo de fixação das expressões literárias orais para uma expressão literária escrita, que será editada, publicada e utilizada na formação escolar das crianças da aldeia ou então que será destinada também ao público leitor branco. [...] Observa-se, assim, que a literatura que se oferece às crianças leitoras do século XXI também possui um importante teor pedagógico e que, por meio de narrativas variadas, estas obras ensinam sobre a natureza e sobre os sujeitos que a habitam.

Pensando na perspectiva da prática escolar é importante observar os saberes que a literatura indígena tem a oferecer dentro das escolas, como uma aliada na socialização da cultura indígena. Daniel Munduruku (2004, p. 33) afirma que:

As pessoas evitam o preconceito com o conhecimento. Todos excluem menos quando convivem com a diferença. Em tudo que faço resalto o fato de os povos indígenas serem muito diferentes da maioria da população brasileira, mas que essa diferença precisa ser aprendida para ser respeitada (MUNDURUKU, 2004, s/p).

Considerando as conquistas constitucionais e suas decorrências, pode-se pensar que este em curso um processo de conquista e de afirmação da literatura indígena, pois como afirma Guesse:

Hoje no campo literário, o próprio índio escreve sobre os índios (e também sobre os brancos) para que, principalmente, outros índios leiam. Podemos dizer que está em processo de configuração, no Brasil, uma literatura do índio para o índio. Atualmente, é a figura indígena que se apresenta como matriz criadora: o índio está se firmando enquanto sujeito de sua própria história (GUESSE, 2011, p.01).

A escola tem um importante desafio na desconstrução da imagem do índio vista em conteúdos do descobrimento do Brasil como o índio nu, com adereços de penas e pinturas que não corresponde a diversidade de povos indígenas que habitam o Brasil. Como indica Bonin, "Aprendemos a identificar os povos indígenas a partir de estereótipo colados aos seus corpos, que não apenas os descrevem, mas produzem e posicionam socialmente (BONIN, 2007, p.157)".

Essa mesma autora nos alerta para a tradicional organização dos conteúdos, principalmente em história, em que o currículo é organizado de acordo com as datas comemorativas. Essa forma de organização curricular constitui-se como mecanismo "de manutenção de certas versões sobre acontecimentos históricos e, ao mesmo tempo, de interdição de outras narrativas que disputam e entram em confronto com memória oficiais" (BONIN, 2007, p. 23).

A literatura indígena compreende em seu movimento de criação e socialização uma oportunidade de alterar o conhecimento sobre a história do índio dentro das escolas e dos novos conceitos para uma educação voltada à valorização da identidade do povo brasileiro. A suposta homogeneidade dessa população necessita ser questionada e a escola é uma das instituições que pode articular no discurso pedagógico a diversidade que compõe a nação. Como indica LUCINI, (1999, p. 139):

É preciso destituir a linearidade temporal de seu trono, estruturado a partir da

racionalização histórica, cimentada que foi pela ordem homogeneizante, que expulsa o diferente, e o inusitado, produzindo um só jeito de contar e de ouvir, e assim nos captura para a exigência cultural de um só jeito de gostar, de amar, de odiar, de chorar, de rir... É preciso, ainda, que o ensino de História repense as histórias que conta e as que estão por contar, além de pensar como as estamos contando.

Nesse sentido, pensamos que para romper com a ordem homogeneizante que expulsa o diverso, faz-se necessário manter a conversação, possibilitar que o não dito seja enunciado, rompendo com um silêncio imposto e que, por ser tão dramaticamente sufocado, calou tantas nações indígenas. Ouçamos as suas histórias.

Referências:

ALMEIDA, Maria Inês de; QUEIROZ, Sônia. **Na captura da voz: As edições da narrativa oral no Brasil**. Belo Horizonte: A Autêntica; FALE/UFMG, 2004.

Disponível em:

<<http://www.lettras.ufmg.br/site/Elivros/Na%20Captura%20da%20Voz%20%20As%20edi%20E7%20F5es%20da%20narrativa%20oral%20no%20Brasil.pdf>>.

Acessado em: 18 de novembro 2013.

BONIN, Iara Tatiana. **Com quais palavras se narra a literatura infantil e infanto-juvenil que chega às escolas**. In: SILVEIRA, Rosa Maria H. Estudos Culturais para professor@s. Canoas: Editora da ULBRA, 2008, p. 115-133.

Disponível em:

<<http://www.serie-estudos.ucdb.br/index.php/serie-estudos/article/download/191/85>>.

Acessado em: 18 de novembro 2013.

_____. E Por Falar Em Povos Indígenas...Quais Narrativas Contam Em Práticas Pedagógicas? 2007 (Tese de Doutorado (220 p)).

Disponível em:

<http://www.ufrgs.br/neccso/pdf/tese_povosindiginas.pdf>.

Acessado em: 08 de novembro de 2013.

COSTA, Marisa V., SOMMER, Luís H., SILVEIRA, Rosa H. **Estudos culturais, educação e pedagogia.** Revista Brasileira de Educação, n 23, p.36-60, maio/jun/jul/ago, 2003.

Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03.pdf>>.

Acessado em: 08 de novembro 2013.

CZOUPIŃSKI, Sandy Anne de Almeida. **Histórias de Índio, de Daniel Munduruku, e Will's Garden, de Lee Maracle: Afirmando a Identidade Indígena pela Literatura.** Monografia. Curitiba 2008.

Disponível em:

<http://www.lettras.ufpr.br/documentos/graduacao/monografias/ps_2008/Sandy_Anne_Almeida.pdf>.

Acessado em: 09 de novembro 2013.

Direitos Indígenas na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/leis1.pdf>>.

Acessado em: 22 de novembro 2013.

FERREIRA, Maria das Graças. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil.** Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE, 2003.

Acessado em: 18 de novembro 2013.

GRAÚNA, Graça. **Literatura Indígena no Brasil contemporâneo e outras questões em aberto.** Educação & Linguagem, v.15, n. 25, pag. 266-276, Jan-Jun. 2012.

Disponível em:

<www.metodista.br/revista/revistas-ims/index.php/el/article/view/3357/3078>.

Acessado em: 10 de novembro 2013.

GUESSE, É. B. . **Da oralidade à escrita: os mitos e a literatura indígena no Brasil.** In: SILEL - XIII Simpósio Nacional de Letras e Linguística/ III Simpósio Internacional de Letras e Linguística, 2011, Uberlândia/ MG. Anais do Silel - XIII Simpósio Nacional de Letras e Linguística/ III Simpósio Internacional de Letras e Linguística. Uberlândia: EDUFU, 2011. v. 2 .

Disponível em:

<www.ileil.ufu.br/anaisdasilel/pt/arquivos/silel2011/130.pdf
>

Acessado em: 18 de novembro 2013.

_____. **Shenipabu Miyui: literatura escrita indígena como expressão de um legado mítico.** In: XII Congresso Internacional ABRALIC - Centro, Centros; Ética e Estética, 2011, Curitiba/ PR. Anais do XII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2011. p. 01-07.

Disponível em:

<www.abralic.org.br/anais/cong2011/anaisonline/resumos/tc538-1.pdf
>

Acessado em: 18 de novembro 2013.

Lei Nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996.

Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/leis1.pdf>
>

Acessado em: 22 de novembro 2013.

LUCINI, Marizete. **Tempo, narrativa e ensino de história.** Porto Alegre: Mediação, 1999, 162p.

MARTHA, A. A. P. **Autoria indígena na produção infantojuvenil contemporânea. in: seminário internacional de história da literatura,** 2012, Porto Alegre. Anais do seminário de história da literatura. Porto Alegre: Edipucrs, 2011. v. 1. p. 324-334.

Disponível em:

<<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/3.pdf>
>

Acessado em: 10 de novembro 2013.

MUNDURUKU, D. Brasil Deve Olhar Pra si Mesmo. Instituto Ethos. Entrevista 2004.

Disponível em:

<http://cidadania.terra.com.br/interna/0,,OI308511-EI3453,00.htm>
|
.

Acessado em: 18 de novembro 2013.

_____. **Literatura Indígena e o ténue fio entre escrita e oralidade,** 2008.

Disponível em:

< <http://www.overmundo.com.br>
>

/overblog/literatura-indigena>

Acessado em: 18 de novembro 2013.

_____. **A escrita e a autoria fortalecendo a identidade.** S.d. Blog Combate Racismo Ambiental, 2012.

Disponível em:

< <http://>

racismoambiental.net.br

[/2012/07/a-escrita-e-a-autoria-fortalecendo-a-identidade-por-daniel-munduruku/](http://2012/07/a-escrita-e-a-autoria-fortalecendo-a-identidade-por-daniel-munduruku/) >.

Acessado em: 18 de novembro 2013.

POLASTRINI, L.F. LEITE, M.C.S. **Literatura indígena: questões de identidades numa perspectiva engajada em Daniel Munduruku.** Revista Grafia, vol. 9, pag. 43-59, 2013. Disponível: <www.fuac.edu.co/recursos_web/descargas/grafia9/43-59.pdf

>.

>.

Acessado em: 22 de novembro 2013.

SILVEIRA, R. M. H. ; BONIN, Iara . **A temática indígena em livros selecionados pelo PNBE: análises e reflexões.** Educação (PUCRS. Impresso), v. 35, p. 329-339, 2012.

Disponível em:

<[www.](http://www.redalcy.org/pdf/848/84824567006.pdf)

[redalcy.org/pdf/848/84824567006.pdf](http://www.redalcy.org/pdf/848/84824567006.pdf)

>.

Acessado em: 08 de novembro 2013.

[1] Graduanda do Curso de Pedagogia na Universidade Federal de Sergipe. Atualmente bolsista do Projeto com o Título Formação Docente em EAD: Impactos e Desdobramentos em Sergipe sob a orientação do Professor Doutor Paulo Heimar Souto vinculada a FAPITEC. E-mail: tathysoares_83@hotmail.com

[2] Doutora em Educação. Professora no Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe. Membro Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED - na Universidade Federal de Sergipe. Membro do Grupo de Pesquisas Educação e Contemporaneidade.

[3] Daniel Munduruku possui graduação em Filosofia pela Universidade Salesiana de Lorena (1989). É doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Indígena. É pós-doutorando em Literatura com ênfase na Literatura Indígena, na Universidade Federal de São Carlos. É autor de 43 livros voltados para o público infantil, juvenil e educadores. É Comendador da Ordem do Mérito Cultural da Presidência da República desde 2006 e Diretor-Presidente do Instituto UKA - Casa dos Saberes Ancestrais. Recebeu diversos prêmios literários. É membro da Academia de Letras de Lorena.

Recebido em: 27/05/2014

Aprovado em: 28/05/2014

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: